



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 16 | Nº. 30 | Jul./Dez. de 2024

Davi Silva Franco

Universidade Estadual do Ceará / UECE.

davisttinsson@gmail.com

UMA OUTRA FACE DO DIABO: O medo, pedagógico e controlador.

RESUMO

Este artigo destina-se a pensar sobre a mentalidade cristã medieval. Compreendendo o medo do diabo enquanto um símbolo de controle dos fiéis pela Igreja através da imposição do medo do inferno e das ações das diabólicas.

Palavras-chave: Medo; Diabo; Igreja; Mentalidades.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the medieval Christian mentality. Understanding the fear of the devil as a symbol of control over the faithful by the Church through the imposition of the fear of hell and diabolical actions.

Keywords: Fear; Devil; Church; mentalities

Introdução

Fazer um estudo da história das mentalidades que atravessasse o medievo faz saltar os olhos de qualquer historiador mais aventureiro, ao mesmo tempo que faz recuar o historiador mais cauteloso. As dificuldades que se apresentam pela distância do objeto e dificultoso acesso as fontes, podem ser efetivamente superadas por uma meticulosa tarefa de perseguir os rastros que nos mostram as fontes, que por sua vez podem ser encontradas disponíveis na internet se minuciosamente procuradas.

Este artigo é fruto das reflexões do meu trabalho de monografia, processo conclusivo para graduação em História, onde contribuí no campo da História das mentalidades com o estudo que se destina a compreender a forma como os sujeitos em uma cidade no interior do estado do Ceará (São João do Jaguaribe) pensam e imaginam o diabo nos dias atuais, e como esse imaginário se formou historicamente a partir da Idade Média.

Para tal tarefa, precisei fazer um deâmbulo histórico de precisão clínica sobre a mentalidade medieval, buscando entender primeiramente, por que o diabo se apresentava como uma figura tão presente na literatura, nos sermões, e se tornou uma ameaça tão grande para a Igreja que justificasse a Santa Inquisição, e uma verdadeira caçada aos demônios e seus “agentes”, as bruxas.

Vissière (2008) ao nos falar sobre o aumento exponencial do medo do diabo lastreadas por acusações risórias de conluio com os demônios nas regiões do Languedoc na França e ao leste do reino a partir do século XI, nos fala sobre o caráter autoritário e “teocrático” da inquisição que fora promovido nesse recorte, uma justiça de exceção que, foi autorizada pela Igreja, e retirava do acusado de bruxaria a maioria dos seus direitos a defesa, a medida que delegava direito pleno aos inquisidores de torturar o acusado para que se arrancasse uma confissão, e posteriormente era decretada uma pena, podendo ser inclusive, pena de morte, tudo em nome de Deus.

Desse modo, é nesse período que compreende o século XII ao século XVI que surgem e se multiplicam os estudos e tratados demonológicos que buscavam dar conta de explicar cada possibilidade de ação do diabo em relação aos sujeitos, e é nesse momento em que a

sociedade Europeia ocidental mergulha em um estado de paranoia e histeria coletiva de medo do diabo.

Esse estado de medo constante, proporcionado pela crença de que poderia-se encontrar o diabo e seus demônios escondidos sob diversos aspectos da vida, colocando-o como causador de quase todos os males de saúde, desastres naturais, e até mesmo escondido sob o signo da vontade pecaminosa. Essa pressuposição de uma “onipresença” da ação diabólica, gera um estado mental de crise, de medo constante do diabo, é um estado mental que Nogueira (2002) nomeia de “*horror diabolicus*”.

Esse modo de pensar concebe o mundo inteiro dividido entre o reino de cristo e o reino do diabo, antagônicos por essência, ao ponto que encontram seus limites bem demarcados no contraste com o outro.

Essa divisão não é arbitrária e nem leviana. Segundo Eliade (1992), o sagrado e o profano são conceitos que encontram seu sentido justamente no seu pujante contraste. O sagrado é definido como uma manifestação de uma dimensão que transcende a realidade objetiva e que só pode ser acessada pelos homens enquanto uma experiência de uma realidade divina através das hierofanias, objetos, lugares ou ritos que por algum motivo são considerados sagrados, pertencentes a uma ordem divina superior.

A experiência do sagrado em determinados espaços só é possível, por que fundamentalmente se acredita que o resto do mundo é profano, entregue ao caos e ao esvaziamento de significado sagrado. Em outras palavras, é necessário que o mundo inteiro seja profano e diabólico, para que se possa valorizar a proposta de erguer templos sagrados, espaços cheios de simbolismos e ritualísticas cristãs que toma o significado de um espaço que mantêm uma fina conexão direta com uma realidade divina, transcendental e metafísica. Ou seja, a crença em um diabo poderoso e amedrontador é peça chave para valorizar o papel da Igreja que se colocava como única oportunidade de se proteger das vis investidas de satanás.

O medo institucional

Buscarei estabelecer níveis de compreensão sobre a forma como, institucionalmente, ainda no medievo, a Igreja construiu uma visão de mundo atravessada pelo sentimento de medo do diabo e do inferno. A maneira de interpretar a realidade ao seu redor estava intrinsecamente ligada à figura do diabo, de forma que pensar a vida cotidiana não era possível sem considerar os conceitos de pecado e inferno.

Através da análise dos discursos teológicos produzidos pela Igreja Católica durante o período medieval e ainda durante a Renascença, entenderemos como o diabo adquiriu, através desta instituição, tantas faces e possibilidades de ação sobre os sujeitos. O diabo se tornou tão presente que invadiu os mínimos espaços da vida cotidiana, agindo sob suas diversas formas. Essas forças se estendiam do imaginário para o real, levantando suspeitas da ação do diabo entre amigos, vizinhos e até no próprio cônjuge.

Os demônios, assim, ganharam cada vez mais camadas de poder e significados, justificando todos os males que ocorriam aos cristãos e, ainda mais, justificando a busca pela Igreja. Dessa forma, o diabo assumia todas as formas possíveis e era denunciado por trás de cada vontade pecaminosa, escondendo-se na mente dos fiéis sob a forma de seus pensamentos mais íntimos e imperando no campo de seus desejos mais profundos e sombrios. De todas as formas, lá estava o diabo tentando fazer com que os fiéis caíssem em pecado e desgraça.

Dessa forma, o diabo se tornara uma incógnita constante na grande equação dos medos dos homens medievais. Pelos discursos da Igreja, o diabo, que seria o governante do inferno, e de incontáveis legiões de demônios, dominara também todo o mundo material. Ele “é o deus deste século” (2 CORÍNTIOS 4:4) e estende as fronteiras de seu território de poder sobre todo este mundo e sobre os corpos de todos os mortais que estão sujeitos e completamente entregue ao “seu” reino de terror, salvo, é claro, unicamente, pela vontade de Deus.

Quando a Igreja divide o mundo sobrenatural (pertencente a dimensão do imaginário) em dois reinos antagônicos, o reino de Deus e os seus servos, e o reino do diabo, onde eram reconhecidas e designadas

todas as crenças pagãs, seus deuses e seus adeptos, começa a construir-se definitivamente a trama pela qual o diabo vai ganhar tanto poder que chegará a um estado de onipresença cotidiana.

Assim, a dualidade Deus/diabo ganhou força no campo da mentalidade ocidental. A personificação do mal será tão familiar, quanto a de Deus, pois o mundo passara a se dividir, estritamente, entre coisas do diabo e coisas de Deus, pecados ou virtudes, inferno ou paraíso. O mundo não passaria de mera dualidade.

O imaginário medieval tem uma relação muito íntima com tudo que é sobrenatural. Essa forma de compreender o mundo, através da dualidade divina/diabólica, se faz muito presente nos discursos médicos medievais e na relação que os sujeitos tinham com as doenças que lhes afligiam.

A idade média sempre fez ligações das doenças humanas com eventos sobrenaturais explicando a dualidade da mentalidade daquele tempo [...] existia uma relação muito próxima da população com as práticas mágicas. Sendo os médicos muito caros e escassos, não era raro que as pessoas buscassem ajuda de curandeiros, curandeiras, cirurgiões e boticários. Essa busca por um poder mitigador era um reflexo do que ocorria com as religiões antigas. Nestas, os adeptos procuravam meios de obter um poder sobrenatural, e isso, segundo Thomas, inclui o cristianismo. A Igreja medieval se preocupou muito em propagar os feitos sobrenaturais dos santos, os milagres, através das chamadas hagiografias. As relíquias e objetos sagrados, dizia-se, possuíam poder. “A Igreja medieval mostrava-se como um grande reservatório de poder mágico, capaz de ser empregado para uma série de finalidades seculares” (DANTAS, 2015, p. 23)

A relação do homem medieval com o sobrenatural era explicitada, por exemplo, no campo das doenças, pois, como nos explica Kamila Dantas (2015), diante de doenças cuja causa fosse reconhecida como sobrenatural, os métodos de tratamentos também seriam de ordem sobrenatural. No imaginário mágico, verticalmente repartido entre o reino de Deus e o reino do diabo, as doenças e pragas passavam a ser atribuídos a um reino de terror que, tenebrosamente, passava a dominar o mundo e investia-se, de todas as formas, contra a cristandade. Nesse embate, a Igreja seria a medicação para o mal, a salvação dos homens diante do terror que lhes espreitava como uma sombra a turvar a luz do caminho.

Dessa forma, a Igreja “maquinou” grandes esforços para redesenhar o imaginário advindo da interpenetração de culturas pagãs, orientando-o a partir da lógica dos pós vida, baseada na dualidade Deus/diabo, paraíso/inferno, a qual se diluía nos modos de pensar e se comportar das pessoas em âmbito pessoal e coletivo. As ações pecaminosas deveriam ser combatidas através da obediência a Igreja e seus mandamentos, cuja fidelidade levaria a humanidade para outro fim, o da redenção.

A trama desenhada pela Igreja para legitimar-se tornava o diabo deveras necessário, embora coubesse a instituição católica a manutenção do controle e da ordem do mundo. Essa era a forma da Igreja controlar o ambiente terreno, explicando seus eventos através da “vontade” de Deus ou “interferência” do diabo. Caberia a Igreja Católica determinar os verdadeiros códigos de comportamento que iriam proteger os cristãos de todo o mal diabólico.

Nessa trama, a Igreja, em suas hagiografias, fazia se somar casos de possessões e de tentações vivenciados pelos santos, mostrando o poder do reino do diabo, ao mesmo tempo em que projeta, nos milagres dos santos e expulsões de demônios, a superioridade divina de Deus sob o diabo.

Por que as escrituras sagradas, em sua autoridade, dizem que os Demônios têm poderes sobre o corpo e sobre a mente dos homens, quando Deus lhes permite exercê-los, ao que se faz alusão explícita em muitas passagens (KRAMER E SPRENGER, 2020, p. 57).

A afirmação de que o diabo, por mais terrível que fosse, ainda, assim, agia sob a permissão de Deus, é a mais defendida pelos teólogos medievais. O diabo era poderoso e somente Deus seria mais que ele. A Igreja (corpo de Cristo na terra) se apresentava como a única chance de refúgio desse perverso império satânico, dessa forma a Igreja era o único caminho possível para a salvação do fiel, o qual deveria buscar se submeter às suas despóticas prescrições, a fim de ser absolvido dos seus pecados e estar protegido contra as constantes e imparáveis ameaças malignas.

Antes de adentrarmos mais especificamente os discursos da Igreja na primeira metade do segundo milênio da era cristã, ressaltamos a

importância dada ao diabo, a qual se refletia no montante de obras e sermões que o cita ou estuda-o. Da mesma forma, no primeiro milênio, podemos aferir relativo silêncio sobre ele, nos revela uma Igreja confiante contra o diabo, uma instituição que pouco se preocupava com as ações desses seres sob a terra e com as práticas mágicas populares, pois toda a terra estaria sob o jugo e poder de Deus.

No século II, Tertuliano, na obra “Apologeticus” XXI (197), diz crer que basta pronunciar o nome de Deus para espantar esses seres. No século X, Ratherius, bispo de Verona, em um sermão (951) reconhece o poder das hordas de demônios, mas julga necessário lembrar que todos eles se encontram sob o jugo de Deus. Como nos explica Nogueira (1991), qualquer que fosse os poderes do diabo, estava no poder de um cristão lhe fazer frente, pois a morte do Cristo teria sido o marco cabal da vitória contra o príncipe deste mundo.

As metamorfoses pelas quais o diabo passou, mais especificamente a partir dos séculos XIII, não são mudanças cuja compreensão possa ser reduzida tão somente a esfera religiosa, uma vez que se encontram em um período de grandes mudanças do íntimo da sociedade, onde se experimentam novas teorias políticas em um movimento de busca por explicações universais.

Longe de constituir um fato isolado, a mutação de uma imagem do diabo inscreve-se neste dinâmico campo de ação. ela se torna fermento da evolução pois faz parte de um sistema unificador de explicação da existência que aproxima lentamente as partes mais empreendedoras do ocidente, pondo-se cada vez mais nitidamente, no decurso dos séculos, ao universo maciçamente encantado e infinitamente pulverizado em que continuam a viver as populações agrícolas e massas urbanas (MUCHEMBLED, 2002, p. 33).

A partir do século XIII, vários acontecimentos passaram a semear o pânico no âmago dos sujeitos medievais: a crise do feudalismo, a guerra dos cem anos, a grande cisma, a presença dos turcos otomanos, a peste negra, as cruzadas contra os hussitas, o escândalo dos escândalos, as revoltas urbanas. Os sujeitos, diante da série de calamidades sem precedentes, que os faziam buscar uma explicação lógica para tudo aquilo, se sentiam abandonados por Deus em um mundo de sofrimento. A Igreja,

por sua vez, oferecia sádicas explicações, apontando o diabo como o causador de todas essas desgraças.

Todo esse contexto corrobora com a crença de um grande complô satânico que se articula contra a cristandade. Esse complô era o reino de satanás, que exercia seu domínio “dado” por Deus. Em sua ávida missão, o diabo tinha por propósito capturar o máximo de almas para o seu reino infernal, apartando-as eternamente de Deus.

No século XIII, todas as dúvidas e ambiguidades sobre a existência do diabo desaparecem quando Tomás de Aquino¹ reconhece que a fé católica acredita na existência do diabo, podendo ele causar dano, inclusive impedindo a cópula carnal. No discurso de Aquino, o diabo já detém o poder de interferir na esfera sexual entre um homem e uma mulher, de maneira a impedir-lhes a consumação de matrimônios. O diabo já aparece no discurso de Tomás de Aquino com essa premissa de romper ou impedir um laço abençoado por Deus (NOGUEIRA, 2002).

No decorrer dos séculos, muito será debatido sobre os limites dos poderes do diabo sobre o sexo do homem e da mulher, ao passo que também se debateu os limites dos poderes e da presença do diabo como um todo no mundo e sobre suas investidas contra a Igreja e os fiéis. Assim, deu-se início aos escritos escatológicos sobre a demonologia.²

É nesse momento que a Igreja vai voltar a sua atenção para as práticas de grupos dito como hereges, os quais serviam de instrumento para o diabo interferir no mundo. A estes nós chamaremos de agentes de satã, cuja missão da Igreja era combatê-los como o grande inimigo que se fazia presente no seio da sociedade.

O diabo agora estava em todos os lugares. Shakespeare não errou quando, poeticamente, escreveu que o inferno está vazio e os demônios estão todos aqui. Tomás de Aquino, por sua vez, também concordava que o diabo não estava estritamente limitado ao inferno. Essa era uma ideia

¹ Tomás de Aquino 1225-1274 foi um frade católico italiano, conhecido como “doctor angelicus” é um dos mais influentes autores da teologia e da filosofia pertencentes a tradição escolástica, obras como a Suma teológica e o Quodlibet, balizaram em certa medida a opinião da própria Igreja a época.

² A demonologia é o estudo ontológico e sistemático dos demônios buscando reconhecê-lo, catalogar o limite de suas capacidades e elaborar maneiras de combatê-los. Ver revista História VIVA “sob a sombra do diabo” (2008, p. 42-43).

presente nos discursos escatológicos. O diabo estaria imerso nos desejos luxuriosos e nas paixões dos homens, na ameaça a soberania da fé católica e, portanto, em todos os lugares, armando a próxima armadilha, a próxima tentação para capturar a alma desavisada.

O medo do diabo começou a infiltrar-se no imaginário medieval por muitas vias construídas pelos discursos da Igreja. Por essa razão, não é surpresa ter se feito tão absoluto dentro da dimensão simbólica do mal.

Como nos explica Le Goff (2017), intensifica-se a crença coletiva num complô satânico que ameaçava toda a ordem dominante da sociedade. Assim, a obsessão diabólica invadiu o ocidente em um momento em que se começava a denunciar feiticeiros e feiticeiras. Esses, que eram tratados pela fé católica como meros iludidos por discursos de charlatões ou iludidos pela sua própria imaginação, eram considerados principiantes de um culto organizado de adoração à satanás, executando em terra o grande plano maquinado pelo diabo para destruir a sociedade cristã.

Horror diabolicus

A partir daí o inferno nada tem de metafórico. As artes dão conta de representá-lo figuradamente de forma cada vez mais dramática, exibindo os seus tormentos de forma detalhada. Dessa insurreição do mal, como uma estratégia de defesa, ganharam importância os estudos da demonologia. Cabe ressaltar, contudo, que os estudos da demonologia não necessariamente surgiram no período medieval, podendo ser ainda mais antigos.

Os esforços de entender as ações do inimigo se faziam imperiosos a partir da necessidade de se precaver contra o diabo e os tormentos de seu inferno representados na pintura de Bosch (1432).

A presença constante do diabo fez surgir uma nova linha de especulação com autoridade de ciência, a demonologia, e os teólogos passam a se preocuparem estabelecer com máxima clareza o seu perfil e caráter num esforço piedoso para auxiliar a cristandade a reconhecer o inimigo e se precaver contra ele, recolhendo as descrições existentes na tradição erudita e popular e acrescentando

outras ditadas por uma imaginação desenfreada corporificam milhares de retratos riquissimamente detalhados sobre as formas demoníacas. Inventário que se torna o guia por meio do qual julgam-se as culpas, punem os infratores, exorcizando assim o mal da comunidade. (NOGUEIRA, 2002, p. 44)

A Igreja foi uma poderosa fábrica do diabo que ganhava notoriedade e força nos discursos que antecedem a modernidade. Até o começo da modernidade é possível ver o diabo todo poderoso, majestoso entre incríveis legiões de demônios que atacavam a cristandade de todos os lados, dando a entender que “derrotariam” os cristãos. Era um combate difícil e injusto, pois o diabo podia disfarçar-se de qualquer um, ou qualquer coisa.

Caesarius de heisterbach (morto por volta de 1245) esclarece em um livro destinado a instruir jovens monges de cister, que não só calamidades, tormentos e doenças, mas também ruídos inesperados, como o farfalhar de folhas, o gemido do vento, devem ser atribuídos ao artifício diabólico. Para Cesarius o diabo pode aparecer sob várias formas, um urso, um cavalo, um gato, um macaco, um sapo, um corvo, um abutre, um cavaleiro, um soldado, um caçador, um dragão e um negro. não era raro disfarçar-se de mouro. Seu número era infinito, pois nada menos que um número superior à décima parte das falanges celestiais havia sido precipitado do céu junto com satã. e por essa razão um ser humano pode ser importunado por mais de um demônio ao mesmo tempo (NOGUEIRA, 2002, p. 53)

Na esperança de afastar o diabo, constantemente pronto para tentá-los ou possuí-los, os fiéis faziam uso das mais diferentes credences. De acordo com Claude Seignolle (1963), nos “Evangéhos do Diabo”³, se pode perceber o quanto as pessoas se alimentavam das mais diferentes superstições, a exemplo de, ao bocejar, fazer o sinal de cruz na boca com o polegar para que o diabo nela não “entrasse”. Ainda era comum o uso de água benta, assim como cruces e pingentes carregados junto aos corpos, pois tais objetos forneciam a sensação de proteção contra o diabo.

Nogueira (2002), nos informa que, de acordo com Santo Agostinho, o mundo dos sonhos também era “dominado” pelo diabo sob a forma de “silvanos” e “faunos” destinados a perturbarem a mente dos homens com pesadelos horríveis. Sob a forma de “succubus”, demônios femininos,

³ Ver Revista História VIVA: “sob a sombra do diabo”, 2008, p.44.

muitas vezes possuidores de corpos formosos, assaltavam os homens adormecidos e os atiçavam a luxúria, os fazendo quebrar seus votos de castidade ou os levando ao adultério. Para as mulheres apareciam sob a forma de “*incubus*”, que seria a forma masculina desses demônios, que também atiçavam a luxúria e defloravam a virgindade da mulher ou a levava ao adultério, ou seja, a corrupção moral (*Summa Theologica* I. 51. Apud NOGUEIRA 2002).

O diabo tentava a vontade dos homens pelos caminhos que o levavam ao desejo pecaminoso, os fazendo cair em pecado, cedendo a vontade carnal, ou seja, a maldição do pecado original. Assim, “quanto mais belo e doce fosse um aspecto da vida sob a superfície, o demônio sordidamente trabalhava e espreitava para agarrar o desavisado” (NOGUEIRA, 2002, p. 49).

O diabo tinha também poder de manipular formas materiais, assumindo diferentes fisionomias, inclusive, e não raro, a forma de um anjo de luz, como se acha representado no *Malleus Maleficarum*⁴ (2020). Ainda com relação a essa riquíssima fonte, o diabo também podia partilhar de seu poder com seus adoradores, dando a eles condições para obterem poderes místicos e atacar a cristandade em seu nome.

Mas o poder mais temido do diabo era o de envolver o indivíduo em um caso de possessão demoníaca. Vejamos duas listas apresentadas por Nogueira (2002), uma elaborada por teólogos e outra por médicos medievais, ambas com o intuito de reconhecer um legítimo caso de possessão demoníaca, uma tarefa que não era fácil haja vista que poderia ser confundida com uma série de outros males, contudo, essas listas buscam identificar os sintomas apresentados por aqueles que estão a sofrer de uma “legítima possessão”, e a natureza dos próprios sintomas apontados, evidencia como o diabo poderia se traduzir em ações de natureza diversas no corpo do indivíduo.

⁴ Publicado originalmente em 1487, na Alemanha, o *Malleus Maleficarum*, foi compilado pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, e é um dos tratados mais importantes já escrito sobre a caça às bruxas. O livro teve um papel central na demonização das práticas consideradas heréticas e serviu como um guia para identificar, processar e punir supostas bruxas, influenciando significativamente os tribunais da Inquisição e da Justiça civil europeia. Sua importância reside na legitimização teórica e prática da caça às bruxas na Idade Moderna, impactando a cultura e a legislação da época.

Sobre a lista elaborada por teólogos medievais, lemos as seguintes características:

[...] 2. quando o indivíduo apresentasse face assustada, olhar espantado e aspecto hediondo. [...] 4. quando não conseguir pronunciar o nome de Jesus ou de qualquer outro santo [...] 5. quando se exprimisse em grego ou em latim, ou outro idioma que jamais houvesse aprendido, ou lesse, escrevesse, cantasse musicalmente ou realizasse outras coisas que não lhe houvessem sido ensinadas. [...] 8. quando experimentasse dores e sintomas extraordinários como violentas cólicas nas entranhas e nas partes internas, sensações como vermes, formigas e rãs correndo desde a cabeça até o resto do corpo, quando o ventre se dilatasse, ou o pescoço ou a língua, quando se reconhecesse exaltado em seu estado de ânimo. 9. quando por alguma razão secreta deixasse de assistir o serviço divino, de fazer as orações de acordo com seu hábito, de tomar água benta, de ouvir a palavra de Deus. [...] 11. quando se elevasse e logo desaparecesse uma bolha em sua língua; quando se elevassem diversas bolhas semelhantes a pequenos grãos, tratar-se-ia de sinal mais digno de nota, concluindo-se, à vista das bolhas, qual o número de demônios alojados no corpo do indivíduo. [...] 13. quando estivesse tolhido em todos os membros, mantendo-se sempre adormecido e como morto. 14. quando não conseguisse suportar o aroma das rosas ou outros determinados perfumes (NOGUEIRA, 2002, p. 56-57)

Sobre a lista elaborada por médicos medievais, 17 evidências foram acrescentadas para reconhecimento da possessão.

1. quando a doença fosse tal que os médicos não conseguissem descobri-la nem conhecê-la. 2. quando sob a ação de todos os tratamentos possíveis, em vez de apaziguar, a doença agrava-se. 3. quando o mal se revestisse, logo de início, de grandes sintomas e dores, ao contrário das doenças comuns que aumentam pouco a pouco. 4. quando a pessoa soltasse suspiros tristes e lamentosos sem nenhuma causa legítima. 5. quando se perdesse o apetite e vomitasse a carne ingerida. 6. quando não consegue encarar fixamente o sacerdote ou manifestasse inquietação e dificuldade de olhá-lo. 7. finalmente, quando no intuito de sanar o mal, o padre houvesse aplicado funções sagradas nos olhos, nos ouvidos, na testa e em outras partes do corpo e essas partes viessem a eliminar o suor ou apresentar outras modificações (NOGUEIRA, 2002, p. 59-59).

Desde as representações imagéticas sobre o diabo, até os discursos professados pela Igreja, ele se fazia presente quando se pensava uma série de assuntos da vida cotidiana dos fiéis, de forma que pensar determinados assuntos não fosse possível sem pensar o diabo. A própria

concepção da vida como um sopro e, ao mesmo tempo, como a oportunidade de salvação do cristão.

Le Goff (2017), em seu “Dicionário Analítico do Ocidente Medieval”, nos fala de uma sociedade profundamente dominada pelo pecado, em sua concepção de trabalho, de espaço, de ligação com Deus e de institucionalização de práticas e rituais. Até mesmo o tempo histórico seria orientado pela noção da transgressão às leis divinas, antes e depois da queda do homem, evento gerador do chamado pecado original, o qual marcaria o momento inicial da humanidade, a transição de um estado de perfeição original para uma condição dominada pela presença do pecado, cujo final dramático e decisivo conduziria às chamas infernais os pecadores, e ao gozo eterno do paraíso os não pecadores.

Muitas outras práticas dos sujeitos medievais estão balizadas na ideia do pecado, do flagelo. A Igreja, através do batismo, do jejum, entre outros ritos, se esforçava para moldar o cotidiano dos sujeitos, oferecendo-lhes modelos de conduta que lhes tirassem do pecado e, por consequência, do jugo do diabo. Nesse jogo de tramas e dramas, viver seria como andar sob uma corda bamba, na qual o equilíbrio se fazia indispensável, pois abaixo dela estaria os horrores do inferno. Os mandamentos da Igreja seriam a força do equilíbrio para não se cair em desgraça. O sermão de São Bernardo de Claraval (1090-1153) sintetiza o sentimento medieval sobre o medo do inferno.

Os que estão no Inferno não podem mais serem redimidos, porque no Inferno não há redenção (...) Trata-se de uma região dura e pesada, região terrível, região repelente! Terra do esquecimento 44, terra da aflição, terra miserável, terra tenebrosa, onde não há ordem, somente o eterno horror inabitável 45! Lugar da morte, do fogo ardente, do frio rigoroso, dos vermes imortais 46, do fedor intolerável, dos martelos percucientes 47, das trevas palpáveis 48, da confusão dos pecados, do barulho das cadeias, das horríveis faces dos demônios! **Tremo dos pés à cabeça e meus ossos se desconjuntaram ao pensar nesse horrendo lugar! Como caístes do Céu, Lúcifer, filho da aurora? Estavas revestido de pedras preciosas, e agora, debaixo de teu leito e em teu leito, vermes.** Oh, Senhor, quanta distância entre um manto de pedras preciosas e outro de vermes, entre as delícias do Paraíso e as trevas infernais! **Bem sei que esse fogo está reservado ao diabo, a seus anjos e a homens como eles! Aquilo é como consumir-se eternamente, morte interminável, tormento infundável! Desce agora, portanto, em vida, ao Inferno, percorre com os olhos do espírito essas oficinas de tormento e fogo do**

**crime e do vício que causaram a morte aos malvados e pecadores!
Odeia a iniquidade e ama a Lei do Senhor, e nesses formidáveis
mercados compra o ódio do pecado (os grifos são nossos).⁵**

Pecado e culpa, a doma clássica cristã

Jean Delumeau (2003), em sua obra “Pecado e Medo”, nos esclarece que, a partir do século XIV, a sociedade agonizava no que ele chamou de “doença do escrúpulo” que se interiorizava através do sentimento de culpa no qual o diabo passa a orbitar na malha que envolve a vida e o pós vida conforme a arquitetura proposta pela Igreja.

Numa lógica que promovia de forma completamente controladora a interiorização da consciência moral dos sujeitos que, nascidos sob a marca do pecado e da culpa, num reino de terror, assolados por muitos inimigos comandados pelo diabo, como bruxos, idolatras, judeus, turcos... sentiram-se invadidos por esses inimigos, mas o pecado conseguia invadir vias muito mais íntimas do comportamento humano.

Em todos os níveis e em todos os mecanismos, essa sociedade se vê presa a esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseado: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transformasse em avareza, a corrente de subordinações alimenta a inveja... (LE GOFF, 2017, p. 382).

Mas, qual a natureza dessa culpabilização maciça que ocorre no ocidente a partir do século XII? De onde vem toda essa carga de culpa que os sujeitos devem combater até o último suspiro do sujeito? Que culpa é essa que tem o poder derradeiro de condenar todas as almas do mundo previamente ao inferno e que somente através da expiação contínua desses pecados é possível escapar dos horrores do inferno? Como essa culpa marca a humanidade de forma que ela recaia sobre os filhos de todas as gerações?

O apóstolo Paulo, ao escrever para os romanos, explica brevemente sobre a origem dessa culpa: “Portanto, como por um homem

⁵ BERNARDO DE CLARAVAL. Sermão 42, 5 e 6. OBRAS COMPLETAS DE SAN BERNARDO DE CLARAVAL VI. Sermones vários. Madrid: BAC, MCMLXXXVIII, p. 320-323.

entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram” (ROMANOS 5:12). João completa a narrativa asseverando: “Quem comete o pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo (1 JOÃO 3:8).

Le Goff (2017), quase dois milênios depois da escritura dessas cartas, nos explica como a ideia do pecado original foi apropriada nos discursos da Igreja, de tal maneira que ganhou patamares dramáticos de culpabilização que se fez perturbadora para todos os cristãos.

Mas podemos ver distorções crassas entre o discurso religioso da Igreja medieval e o discurso cristão bíblico que, no Novo Testamento, apresenta um Deus pacífico, remissor de pecados e mais preocupado em salvar o máximo de almas possíveis: “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (MARCOS 16:15), ou seja, pregar o amor, a humildade, o perdão, a caridade, enfim, as virtudes anunciadas e exemplificadas por Jesus.

Não é absolutamente um paradoxo, mas uma verdade certa de que não temos inimigo maior a temer que nós mesmos, como assim? Eu sou mais temível para mim do que todo o resto do mundo, já que cabe somente a mim dar a morte a minha alma e excluí-la do reino de Deus, esse discurso religioso seguia a linha de uma tradição ascética. mas ligava-se também a duas outras afirmações continuamente repetidas, sobre as quais o medo no ocidente colocou toda sua ênfase. a primeira ligava pecados dos homens e punições coletivas enviadas por um deus colérico. os bispos e os pregadores não eram os únicos a dar essa relação como evidente, os chefes de estado viam as guerras como castigos celestes para os pecados dos povos e Ambroise Paré descobria por trás da peste e da sífilis a cólera divina (DELUMEAU, 2003, p. 9-10).

Mas, nessa grande equação que forma a lógica por trás da ideia de salvação cristã, a qual se acha desenhada no discurso bíblico, vemos ela sendo operada de uma forma pela Igreja, que intensifica e estimula os poderes do diabo, e a noção da culpa e da conscientização moral que se desarticula em certa medida desse discurso bíblico.⁶ Essa dramática guerra santa que encontrava palco no coração dos homens, que se encontrava

⁶ A perspectiva cristã desenhada nos livros da bíblia dá legitimidade às premissas, mas não abandona os cristãos a própria sorte contra o diabo. Ver Revista HISTÓRIA VIVA “Sob a sombra do diabo” (2008, p. 80).

despedaçado, dividido entre a tentação do pecado e a virtuosa resistência (BRENON, 2008) é um mecanismo de controle tão complexo que se torna impossível precisar quando começou o que Delumeau (2003) chamou de História da culpabilização, e que S. Freud (1930) chamou de problema capital da sociedade.

submetido a uma culpabilização intensiva, ele foi levado a aprofundar-se a conhecer melhor seu passado pessoal, a desenvolver sua memória, nem que fosse apenas pela prática do exame de consciência e da confissão geral a precisar sua identidade. Uma consciência culpada desenvolveu-se ao mesmo tempo que a arte do retrato, ela acompanhou a ascensão do individualismo e do senso de responsabilidade. (DELUMEAU, 2003, p. 15).

Tanto quanto na confissão, essa pedagogia do medo se legitima na ideia agostiniana da transmissão da culpa, a culpa que toda a humanidade carrega por seu elo primordial mantido com a figura de Adão, o primeiro humano. Por Adão ter sido o progenitor de toda a humanidade e carregar toda a sua virtude, ao cair em pecado rompe o laço sagrado com Deus e compartilha para toda a humanidade a vontade de cometer atos pecaminosos. Por isso, o homem já nasce sob o jugo da culpa, pois, no momento de transmissão da vida, também é transmitida a culpa, encontrando legitimidade no já citado versículo paulino da carta aos romanos.

Essa ideia agostiniana é a base que fundamenta toda uma visão de mundo, incorporada pela Igreja, que tenta conciliar a presença incessante do mal com a divindade. Isso se torna o pilar que sustenta esse quadro doutrinário e que prevê a remissão dos pecados e a conquista da salvação mediante a capacidade do indivíduo de auxiliado pela graça divina, tomar força de livre arbítrio para resistir ao pecado e, assim, salvar-se. Essas ideias “pesam como uma rocha durante o período medieval” (LE GOFF, 2017, p. 386).

Essa definição agostiniana do pecado não difere da elaborada por Tomás de Aquino (1485), em que o pecado seria um ato que age em desacordo com a lei divina. Essa ideia explora um estado de fraqueza e insuficiência da natureza do homem, pois, se a vontade de Deus por

natureza é a finalidade para qual todo o universo deveria convergir, o que significa a natureza do homem que já nasce afastado de Deus? Se analisarmos, o homem pecou e foi expulso de uma espécie de paraíso e castigado por toda a sua vida tal qual o diabo. Difere o fato de não haver redenção alguma para o nosso personagem, quanta semelhança há entre a natureza pecaminosa dos homens e do diabo?

o que é o homem por si próprio e a abstração feita da graça? é um ser pior q o demônio; por que o demônio é um espírito sem corpo e o homem sem a graça é um demônio revestido de um corpo... parecia-me que se Deus me retirasse a sua graça eu seria capaz de todos os crimes que o demônio comete, então eu me julgava pior do que ele e mais detestável e nesse momento eu me vi como um demônio encarnado [...] porque percebo claramente que todo bem reside só em deus e que em mim só existe vício. (DELUMEAU, 2003, p. 11)

Esse trecho é um diálogo de uma viúva chamada Agripa d'Aubigné, que se dizia atormentada por visões e murmúrios de suas transgressões, e, atormentada por demônios, afirmava ter menos cabelos na cabeça do que pecados. O caso de Agripa é icônico para entender a lógica obsessiva pela danação, pelos sofrimentos escatológicos e pelas figuras do mal, os demônios que atormentam livremente os sujeitos. É icônico, para entender o sentimento de medo e sofrimento pelo *horror diabolicus*, além de se verem assaltados por agentes de satã exteriores, havia os demônios em grande número para atormentá-los. Diante do mais terrível e perigoso inimigo, não se podia descuidar a vigilância, de si próprio, para não cair em desgraça.

A redenção deveria ter libertado o homem da angústia, mas a igreja continua a impor um exame de consciência que a aproximação da morte torna insuportável. haveria tantos chamados e tão poucos escolhidos não é mesmo? [...] A sucessão das gerações teria apenas agravado as consequências do pecado original. Deus só existira para condenar e para punir! [...] por que todos esses suplícios em nome do amor? quem amou nem que seja uma vez na vida não é digno de ser amado pela eternidade? (DELUMEAU, 2003, p. 21).

O proposto até aqui não foi fazer um compêndio da história do pecado ou da história da culpabilização que, de maneira alguma, podem ser reduzidos a história do poder clerical, mas tecer níveis de compreensão

sobre a forma como a Igreja, da mesma forma que se apropriou de imagens pagãs para pintar a face do diabo, se apropriou dos mitos de duelos cósmicos orientais para estabelecer sua lógica maniqueísta. Podemos verificar como foi a maneira ardilosa com que se apropria do mecanismo de interiorização de uma consciência moral para desenvolver um engenhoso e pedagógico sistema de controle baseado na culpa do pecado e em um mundo tomado pelo diabo.

Considerações finais

Discursivamente, nos concílios, nas imagens, nos sermões, era possível visualizar essa guerra santa contra o pecado e contra o reino do diabo, cada vez mais próxima e íntima. E foi a produção desse mecanismo pela própria Igreja que deu tanto poder, tantas faces, armas e poderes ao diabo. Não é difícil de imaginar quão cotidiano era a lembrança dos horrores do inferno enquanto o *horror diabolicus* dominava os imaginários. De acordo com Nogueira (2002) as fantasias eclesíásticas deveriam chocar para causar esse medo. Assim, das mais deferentes maneiras, a Igreja alimentava a mente dos fiéis com as mais horripilantes de lagos de enxofre, dragões, piches ferventes, torturas, entre outros horrores.

Eis o inferno, campo livre à imaginação, todo o horror que a mente do sujeito fosse capaz de imaginar a partir dos discursos e das imagens que são pensadas pelos sujeitos medievais, não como algo distante, mas como seu verdadeiro fim, caso os dizeres da Igreja não fossem seguidos à risca. O medo se mostrara um elemento eficaz para controle. A Igreja, ao monopolizar o poder de perdoar os pecados e prescrever punições, como Le Goff (2017) nos diz, deliberou um sistema de troca entre esse mundo e o além (preces, penitenciais, indulgências). Dessa forma, a Igreja irá impor um rígido código moral a fim de controlar os fiéis. O diabo, por sua vez, assumia uma condição diversa na pedagogia do medo.

Dessa forma, entender o diabo é entender toda essa lógica e cadeia de poderes e comandos que se estabeleceu em grande medida pelo medo, medo do diabo, do inferno e daqueles que eram os enviados de satã, aqueles que estariam no seio da própria comunidade cristã conspirando

com os demônios para destruí-las através de pragas e maldições, como se fossem espiões do grande diabo que, de dentro para fora, iria minar as forças dos cristãos para que fossem derrotados.

É nesse sentido que reitero o diabo enquanto objeto de estudo na área da ciência Histórica. Compreendendo-o enquanto um aspecto da mentalidade cristã que ainda nos dias atuais se faz presente no imaginário dos sujeitos, de maneira ainda mais complexa do que fora no medievo.

Desse modo, apresento esta abordagem como um meio através do qual é possível investigar e analisar as formas de pensar no presente, e reitero a importância dos estudos que se destinam a área das mentalidades, e as formas de pensar, que podem partir de diferentes perspectivas, sendo a religiosa uma delas.

Referências

BRENON, Anne. Cátaros, os agentes do mal. História VIVA: sob a sombra do diabo,

p.18-23. 2008.

CLARAVAL, Bernardo De. Sermão 42, 5 e 6. OBRAS COMPLETAS DE SAN BERNARDO DE CLARAVAL VI. Sermones vários. Madrid: BAC, MCMLXXXVIII, p. 320-323.

DANTAS, Kamila. A loucura na idade média. Dissertação (mestrado em História), Faculdade de letras da Universidade de Coimbra, 2015.

DELUMEAU, Jean. O pecado e o medo. Bauru/SP, EDUSC, 2003.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 92 p.

KRAMER E SPRENGER. O martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro, Best Bolso 5ª edição, 2020.

LE GOFF, Jacques. O nascimento do purgatório. Editora Vozes; 1ª edição (30 agosto 2017).

LE GOFF, Jacques. dicionário analítico do ocidente medieval. São Paulo, vol.1 e 2, Editora UNESP, 2017.

MUCHEMBLED, Robert. Uma História do diabo. MAUAD, Jan. 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Ferreira. As companheiras de Satã. Espacio, Tiempo y

Forma, Serie IV, H." Moderna, págs. 9-24. 1991.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Ferreira. O diabo no imaginário cristão. 2º edição. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2002.

VISSIÉRI, Laurent. Personagem em metamorfose. História VIVA: sob a sombra do diabo. p.8-9. 2008.

RYRIE, Charles C. A Bíblia anotada: edição expandida / Charles C. Ryrie. - Ed. rev. e expandida - São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1504p.

Davi Silva Franco

Universidade Estadual do Ceará.
Programa de Pós Graduação em História,
Cultura e Espacialidades.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5580936155265154>
